

## EXPANDIR FRONTEIRAS: O VESTIR COMO AÇÃO POÉTICA E POLÍTICA

Rita Morais de Andrade – PPG em Arte e Cultura Visual, FAV/UFG

Rosane Preciosa Sequeira – PPG em Artes, Cultura e Linguagens, IAD/UFJF

**RESUMO:** A roupa é uma espécie de passaporte para acessar mundos. Ela é capaz de desencadear processos de subjetivação mais expandidos e promover deslocamentos nas formas mais disciplinadoras de vestir e, porque não dizer, existir. Neste artigo problematizamos a roupa, sublinhando territórios de criação que possibilitem engendrar narrativas vestíveis mais autônomas. Artistas, estilistas e ativistas cada vez mais vêm se apropriando das roupas como suporte para experimentações estéticas. A insubmissão aos padrões e modos vigentes amplamente disseminados pelas mídias, é capaz de fazer ventilar novas possibilidades de vestir, politizando a existência.

**Palavras-chave:** roupa, narrativas e visualidades, América Latina, ações poéticas e políticas

**ABSTRACT:** *Clothing is a kind of passport to access worlds. It is able to trigger more expanded processes of subjectivity and to promote shifts in more normative forms of dress and, why not say, of existence. In this essay we critically address clothes, highlightning creative territories which engender more autonomous wearable narratives. Artists, designers and activists are increasingly making use of dress as support for aesthetic experimentations. The noncompliance to the prevailing modes and standards, which are widely disseminated by the media, is capable of bringing up new forms of dress, politicizing the existence.*

**Keywords:** *dress, narratives and visual culture, Latin America, political and poetics actions*

Nosso ponto de partida é a intervenção pioneira do artista Flavio de Carvalho, que, nos anos 1950, exibiu pelo centro das ruas de São Paulo, o seu traje de verão. Ao questionar os trajes masculinos adotados nos trópicos, ele nos possibilitou algumas reflexões que julgamos importantes. Uma delas, central, diz respeito à formação cultural mestiça na chamada América Latina, que nos conduz a devires polifônicos, na medida em operamos com uma lógica das misturas. Outro questionamento que nos interessou pontuar, ainda no rastro de Flavio de Carvalho, é o diálogo que as roupas mantêm com as ruas. Nesse sentido, buscamos aqui sintonizar as manifestações de rua ocorridas nas cidades do Brasil no decorrer do segundo semestre de 2013. Destacamos dentre a massa de manifestantes a figura dos Black Blocs, que se serviam de um tipo improvisado de vestuário, que nos pareceu oportuno considerar, e que nos levou a traçar conexões entre a roupa e sua

condição estética e política que identificamos no trabalho de Lika Stein, “inventora de roupas”.

\*\*\*

O artista uruguaio **Joaquín Torres García** (1874-1949) nos traz uma questão importante para refletir sobre descolonizar conceitos a partir da subversão de convenções geográficas que, na reificação visual de mapas e cartografias, fez chegar ao século XXI a noção quase não mais predominante de um hemisfério norte que situa-se acima do sul. Em seu conhecido trabalho “América Invertida” de 1943 (Figura 1), o Sul ocupa o espaço superior no desenho, uma clara provocação que subverte antigas noções naturalizadas de dominação.

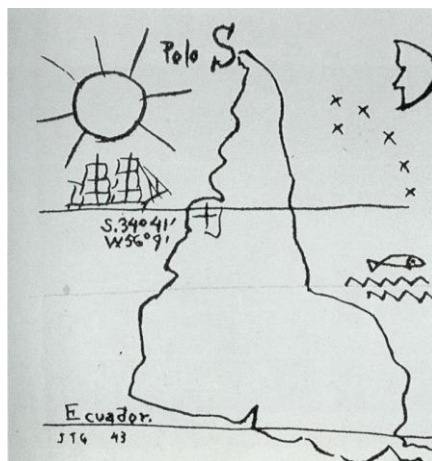


Figura 1: “América Invertida” (1943). Joaquín Torres García. Coleção Museo Torres García. Montevideo, Uruguai. Disponível em: [http://www.torresgarcia.org.uy/uc\\_69\\_1.html](http://www.torresgarcia.org.uy/uc_69_1.html). Acesso em 18/01/2014.

Tomando a América Latina como um bloco único, mesmo sabendo da impropriedade disso, não nos parece impertinente dizer que hoje dificilmente podemos eleger um centro hegemônico irradiador de cultura com suas narrativas de referência. Experimentamos na atualidade uma heterogeneidade delas que apontam para múltiplas formas de vida, ainda que, claro, não nos esqueçamos, existem embates de forças o tempo todo, e toda uma trama de poderes, de conservadores a libertários, enfim, de todos os matizes, que disputam espaço o tempo todo. Pois bem, nesse mosaico, as peças então não se encaixam docemente, mas aos trancos, na tensão, e os resultados são muitas vezes inesperados.

De qualquer forma, nós, “latino-americanos”<sup>1</sup> - denominação que internalizamos e que ecoa uma classificação utilizada internacionalmente, e que vai se arraigando diante da crescente população latina na América do Norte -, aprendemos a suspeitar de qualquer pensamento de teor universalizante, que se proponha como dominante. Um deles, gira em torno da identidade. No caso brasileiro, nossa herança mestiça, acreditamos, nos disponibiliza ferramentas para pôr em discussão essa ideia de identidade como questão central. Interessante ouvir as palavras do artista Tunga a esse respeito (apud Cesarino et al., 2008, p.222):

“(...) podemos não ter uma consistência de identidade, ou seja, ser a própria ausência de identidade em mutação contínua. Vamos dissolver a questão da identidade como questão central e falar a partir já dessa mutação constante que nos é característica por determinados fatores históricos”

O problema é que assimilamos em nossa cultura e por meio da colonização, uma tradição ocidental que insiste no apelo à unidade, uma unidade coerente em que, assim, nos reconheceríamos. Segundo essa lógica, é como se desprovidos de uma ontologia fôssemos um nada, e daí passamos a ignorar o múltiplo que bate insistentemente à nossa porta. Parece-nos que ao reclamar uma ontologia desconsideramos a possibilidade de pensar nossa cultura de acordo com outro modo de funcionamento, assimilando, devorando e intervindo nos repertórios que vamos selecionando, com vistas a produzir outros arranjos sógnicos, feito à base de sucessivas colagens. Reunião de objetos díspares, intrincadas bricolagens culturais, onde cada peça vai encontrar seu lugar de encaixe adequado. É desse modo então que dialogamos com os substratos culturais, material e imaterial, europeus que nos são constitutivos.

Há uma formulação sobre o Brasil, feita por Roger Bastide (apud Pinheiro, 2011, p.183) que vai ao encontro de tudo que havíamos mencionado anteriormente:

“O sociólogo que estuda o Brasil não sabe mais que sistema de conceitos utilizar. Todas as noções que aprendeu nos países europeus e norte-americanos não valem aqui. O antigo mistura-se com o novo. As épocas históricas emaranham-se umas nas outras (...). **Seria necessário, em lugar de conceitos rígidos, descobrir noções de certo modo líquidas capazes de descrever fenômenos de fusão, de interpenetração; noções que se modelariam conforme uma realidade viva, em perpétua transformação**”. (grifos nossos)

Nas paisagens visuais das cidades, nas gentes que nela circulam e que nela/com ela vão estabelecendo relações muitas vezes instáveis, percebemos formas instigantes de ação que escapam à moda e que poderiam funcionar como uma espécie de agente transformador dessas novas condutas sociais que muito recentemente tem eclodido em determinados movimentos coletivos urbanos e chegam a irradiar sua potência para além de suas fronteiras.

Na América Latina de um modo particular, as cidades foram sendo formadas por uma espécie de bricolagem, paisagens em que se pode contemplar a força intensa dos trópicos e inserções das várias heranças pós-coloniais que persistiram mais em alguns lugares que em outros, mas que configuram-se vivas e pulsantes nas cidades. Formam-se, então, duas tendências generalizadas nos modos de observar este lugar inespecífico ajambrado na convencional América Latina. Por um lado está a exuberância, o calor do povo, um certo estatuto caótico de cidades e gentes mestiças que têm lá seu charme e seu lugar no mundo globalizado. De outro lado, e talvez mesmo simultaneamente mais que dicotomicamente, a visada sobre essa massa indefinida latino-americana como se esta estivesse à margem, atada a um subdesenvolvimento, sujeitos que estão em processo de “desenvolver seu capital financeiro e intelectual”. Sim, esta última noção ainda persiste.

Nesse lugar, habituado às incongruências e impermanências, à exasperação da urbanidade caótica e imprecisa e da quietude dos espaços internos ainda tomados de mata, rios e gentes nativas que ocupam imaginários sociais dos mais diversos lugares do planeta, nasceram e nascem movimentos que continuam clamando por fissuras de estereótipos, esses notadamente de origens coloniais e pós-coloniais, mas que se configuram como um chamado ao corpo social, coletivo.

### **Vestir: uma ação poética e política**

Pelas principais capitais brasileiras alastraram-se, desde junho de 2013, uma série de manifestações políticas, convocadas pelas redes sociais, que levaram multidões às ruas. Mobilizadas a princípio pelo Movimento Passe Livre, constituído em 2005 no Fórum Social Mundial de Porto Alegre, cuja reivindicação era barrar o aumento das passagens de transporte coletivo na cidade de São Paulo, os protestos se disseminaram por outras cidades, e foram ganhando expressões reivindicatórias que

ultrapassaram a convocação inicial. É nesse contexto que surgem grupos de manifestantes identificados como “Anonymous”, que se auto-denominam hacktivistas, e “Black Blocs”<sup>2</sup>. Em comum, o fato de que seus integrantes usam máscaras e são acusados de comandarem ações violentas que culminam em depredação de patrimônio público e privado. Sobre os mascarados Black Blocs, contamos com informações veiculadas o tempo todo na mídia impressa e televisiva, que a eles se referem como “baderneiros”, a exemplo na matéria veiculada no jornal “O Globo” (versão digital) às 5h de 11 de outubro de 2013<sup>3</sup>:

“Esta semana, no Centro do Rio, pelo menos cem Black Blocs foram responsabilizados por um quebra-quebra durante um protesto de professores. No dia seguinte foi feito o balanço da baderna: 12 agências bancárias depredadas, uma loja de telefonia arrombada e saqueada, além de praticamente todos os pontos de ônibus (...) danificados”.



Figura 2. Homem durante manifestação.

Foto: REUTERS/Ricardo Moraes. Jornal O GLOBO, 30/08/2013. Disponível em:

<http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/projeto-de-lei-pode-proibir-uso-de-mascaras-em-manifestacoes-no-rio-30082013>. Acesso em: 23/12/2013.

É indissimulável o incômodo causado por essa legião de mascarados, que se comportam de maneira excessiva, desestabilizando a ordem, desconcertando e também atemorizando através de sua aparência, exatamente porque sempre despachamos uma imagem chapada que deve corresponder àquela que fazemos de

alguém, nesse caso, a imagem de quem vai às ruas para protestar. Mas e se o que vemos não corresponde ao catálogo de imagens prontas que estocamos?

Para além do fato de que uma máscara resguarda um sujeito de ser identificado, reconhecido, devolvendo-lhe temporariamente um desejável anonimato em algumas circunstâncias, talvez seja oportuno refletirmos um pouco sobre a máscara no que ela traz de potência para se pensar em desvios de valores dominantes que orientam o campo social. A máscara é disfarce e é também uma possibilidade de desinvestir do rosto, da identidade, de uma certa humanidade prescrita.

Se no lugar do rosto encontramos uma máscara, como abordar esse rosto? Você olha para ele e não vê a que família de rostos pertenceria. Um rosto inabordável, indecifrável. Algo insuportável para nós, que somos viciados em rostos, buscando decifrar emoções demasiadamente humanas por detrás deles. Afinal, um corpo aprende cedo a ter um rosto e nele reconhece sua identificação, seu pertencimento à cultura. Há sempre uma expectativa de que ele seja desvendado. E o que acontece quando no lugar do rosto o que vemos são outras paisagens, outros projetos de existência, suscitados por desejos nômades, descodificados, e portanto inclassificáveis?

O jornal O Globo de 11 de outubro de 2013 publicou não só um quadro com as conexões que os Black Blocs mantêm com outros grupos pelo mundo, bem como os caracterizou como jovens na maioria com menos de 25 anos, dando ênfase aos trajes usados nas manifestações (Schechner, 2012, p.157):

“(...) Quando as pessoas vão em massa às ruas, elas estão celebrando possibilidades de fertilidade de vida. Elas comem, bebem, fazem teatro, fazem amor e apreciam a companhia umas das outras. Elas colocam máscaras e fantasias, levantam e movem bandeiras, e constroem efígies não meramente para disfarçar ou embelezar seus eus ordinários, ou para ostentar o exorbitante, mas também para expressar a multiplicidade de cada vida humana”.

Ao ocupar as ruas para libertá-las da ordem demasiada, o inesperado pode acontecer. Daí o espanto diante de fabulações imprevistas que transtornam os costumeiros referenciais. A começar pelo vestuário, espécie de máscara corpórea que nos possibilita acessar outros de nós mesmos ao saltarmos para espaços que estão fora de nós. É todo um campo social que se vê interrogado esteticamente,



politicamente, mediante as roupas que usamos. Patrice Bollon, em seu livro *A Moral da Máscara* (1993), nos introduz a um universo de múltiplas aparências que, ao longo da história, contestaram visões de mundo homogeneizantes, normativas, e que recorreram à força da vestimenta para afirmar desvios, esquivando-se de sentidos de mão única. Ele diz (Bollon, 1993, p.11):

“Sempre existiram indivíduos (...) que se expressassem e se afirmassem através de um estilo(...). Homens e certamente mulheres também – que pretendem com sua aparência contestar um estado de coisas, uma escala de valores, uma hierarquia de gostos, uma moral, hábitos, comportamentos, uma visão de mundo ou um projeto, tais como são refletidos pelo traje dominante, pelo estilo obrigatório ou pela referência estética comum da sociedade em que vivem (...)”

Curiosamente, a roupa, estigmatizada como algo frívolo, mas não para olhares mais atentos e talvez sensíveis, citemos o poeta Charles Baudelaire, cronista da Modernidade, que ousou mergulhar nas ruas e dela extrair a beleza fugaz dos passantes, nunca de fato se reduziu a isso, e ganha na análise de Bollon uma dimensão que nos interessa muito enfatizar, a de que é preciso percorrer as superfícies e nelas buscar as inscrições transitórias. Buscar decifrar não o que são aqueles corpos vestidos, mas **o que estão sendo**. Um modo de pensar que acata o fluxo da vida, a e os modos de agir no que revelam até de mais perturbador, porque não estão dados a priori e porque atacam a temporalidade linear da moda. Os gestos desencadeados pelas roupas encontram seu sentido na medida que performam no espaço. Podem aderir às determinações mais cristalizadas de um campo social, mas também podem quebrar seus roteiros mais consolidados, instaurando outras realidades possíveis.

A ideia que está sendo explorada aqui é a de que há movimentos sociais em curso, de dimensões globais, mas que tem particularidades locais, que colocam a roupa ou o vestir-se para a rua/mundo como uma estratégia especial de experimentar o coletivo, o corpo social. Nesse movimento dos Black Blocs apresentado acima brevemente, de demonstrações públicas de insatisfação com algumas soluções políticas para problemas atuais e outros antigos que persistem, parece haver uma ação distinta para escolher o que vestir, de modo que o que se veste e como se veste torna-se parte importante, fundamental da reivindicação. E aí encontramos na multidão que se forma durante manifestações públicas recentes, um espectro

heterogêneo e visualmente desafinado de invenções de trajes e modos de vestir que revelam, simultaneamente, desafios da convivência urbana e da herança colonial que adensa os problemas sociais. Sem escolher a partir de um cardápio da moda vigente, trajar-se para reivindicar essas questões sociais parte de um rol de referências de imagens que zigzagueiam no tempo e espaço. Mais do que isto, há uma questão que parece premente que é a do desmantelamento da hierarquização como modo de pensamento e da apropriação de uma ideia de mestiçagem – e não de identidade - como premissa, que Amálio Pinheiro, especialista em literatura Latino Americana, assim explicou<sup>4</sup>:

(...) vivemos, na América Latina, numa sociedade *barroquizante* em que a tendência mais forte é a troca, a tradução, e não a identidade. A gente aprende a por em movimento esses elementos da troca, e a dar um roteiro para esses vários outros que existem dentro de todos. É uma troca externa, com e para o lado de fora, que alimenta também os processos internos. Sempre algo difícil, em conflito, em gradações, inacabado, sem perdedor ou ganhador. Em constante crise, que não se confunde com uma crise que gere angústia ou depressão. Este é um movimento possível do conhecimento. Crise, tradução e alegria.

É nessa condição mestiça, apartada de uma identidade unificadora de América Latina ou de brasilidade, é que acreditamos seja possível investigar propostas de vestir que dialogam com as heranças pós-coloniais.

### **Narrativas visuais nos trópicos: um diálogo renovado sobre o vestir pela ótica de uma cultura mestiça**

Na conferência de abertura da 23ª Reunião Internacional da Associação Internacional de Museus – ICOM, na cidade do Rio de Janeiro em agosto de 2013, o historiador Ulpiano Bezerra de Menezes finalizou sua apresentação para uma audiência internacional com o que pareceu uma provocação pertinente, ele disse: “bem-vindos a nosso país tropical!”. Com o título “O Museu e a condição humana: o horizonte sensorial”, ele falou da multiforme cultura brasileira e, rejeitando os estereótipos a que chamou de turísticos sobre o Brasil (trópico, calor, caipirinha, praia e sol), propôs que o lugar essencial dos museus em nossas vidas deriva da potencia de os museus serem uma plataforma estratégica para compreender a condição humana em todas as suas formas, a começar pelo seguinte: “temos um corpo”, o que significa atentar para uma nova realidade em que dar sentido ao



mundo implica em interpretar o mundo como sensível. Podemos emprestar essa análise feita sobre museus – apresentada durante o momento mais sensível das manifestações populares por todo o país – para pensar sobre como é salutar considerar a atuação do corpo nas novas configurações sociais que estão tomando forma e que parecem se distanciar das formulas mais conhecidas a que Ulpiano chamou de questões operacionais e normativas que precisam ser abandonadas para dar lugar a territórios de atuação.

A questão do museu talvez não esteja tão afastada de nosso tema afinal. A máscara – que está no museu como no carnaval e nas ruas – talvez seja o símbolo mais expressivo da manifestação. Na figura 3 vemos um retrato revelador quando um grupo de pessoas improvisa uma cena durante protesto contra a proibição de uso de máscaras durante manifestações públicas. Ali identificamos símbolos visuais que, ainda de certa forma, homogeneizam questões dispares e variadas que não aprendemos a distinguir: o cocar representa o índio e suas questões (mas, quais índios e quais questões?); ali ainda estão os grandes grupos– o negro, a mulher, a justiça (mascarada), a cultura estrangeira disseminada (a camiseta polo).



**Figura 3. Manifestantes mascarados protestam na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro contra projeto que proíbe uso de máscaras em protestos. Fonte: Marco Antônio Martins.**

“Mascarados podem ir a protesto de 7 de Setembro, diz secretário de Segurança do Rio”. In: *Folha de S.Paulo* (versão digital), 06/09/2013 – 13h09. Disponível em:

<http://folha.com/no1337930>. Acesso em 19/09/2013.

O corpo parece encontrar na metrópole, com suas camadas temporais e espaciais sobrepostas, uma cenografia convidativa a explorar novas abordagens e novas

atuações de um indivíduo que se vê integrando um corpo social. Na arte e no design encontramos pistas que apontam para essas invenções manifestas no vestir. Há sinais de uma herança colonial que persiste e que aparece em visualidades que, vistas individualmente são estereotipadas, mas que no conjunto formam novas configurações, que denunciam a decadência desses mesmos estereótipos identitários, como vimos na fotografia dos mascarados. Assim como há também um clamor por internacionalização, por um diálogo não entre iguais, mas um em que as diferenças resultem em invenções tropicais, mestiças – e que sejam elas contribuições positivas no lugar de um efeito colateral pós-colonial.

Cabe lembrar aqui o arquiteto e artista Flávio de Carvalho para quem a roupa era de extrema importância, ela tocava a intimidade dos sujeitos. Em sua auto-denominada Experiência 3, de 1956, em que desfilou pelas ruas do centro de São Paulo, com seu Traje de Verão: mini saia, blusa bufante, meia arrastão e sandálias, causando enorme estranheza, o artista nos desafiou a pensar nas práticas vestimentares de um novo jeito, não mais assujeitadas às modas francesas, tão ao gosto eurocêntrico de nossas elites locais.

Sua ação poética, que aqui denominaremos de micro-política – ações que confrontam no cotidiano poderes coercitivos – nos contaminou com uma benfazeja dúvida, a de que é possível desencaixar de modos de existência submissos, fazendo ventilar pelo campo social outros desejos, outros universos de referência. Flávio disparou com seu traje de Verão uma discussão de grande amplitude. A partir da roupa podemos pensar como posicioná-la nos trópicos e, além disso, nos indagar sobre que modos de existência desejamos neles afirmar.

Ainda que pareça prevalecer um vetor de moda que fixa modelos de representação mais próximos dos centros de poderio econômico e, portanto político, buscando construir identidades-clone que emanam desses grandes centros, há, em contrapartida, um outro vetor que aprofunda e explora a mestiçagem como um dispositivo para afirmar simultaneamente um isto e aquilo estético-cultural. Um pensamento de mão dupla se afirma, e uma polifonia se instala.

### **Modos mestiços de fazer Moda**

A condição mestiça nos provoca a realizar práticas artísticas desterritorializantes, na medida em que vamos agenciando as muitas vozes formadoras de nós mesmos, instaurando polifônicas vertentes de criação. Referimo-nos aqui não só às nossas matrizes formadoras, a portuguesa, a indígena e a africana. Outras vozes somam-se a essas. Nossa contemporaneidade assiste a processos culturais flutuantes, e a própria ideia de cultura hoje traz poucos contornos tangíveis.

A marca Universeless (<http://universeless.blogspot.com.br/>) de Lika Stein, apresentada conceitualmente como uma instigação “pós-industrial”, produz roupas, a partir de uma ideia central, a de interferir sobre objetos industrializados, como camisetas, saias, casacos. Com palavras de ordem que aparecem como título para o conjunto de suas criações desde 2006 - DESCONSTRUA / EXPANDA / REGOZIJE -, Lika Stein faz um exercício de incorporar a contribuição do Outro e adensar sua criação, exercitando um tipo de antropofagia aplicada à moda. Lika veste a cidade, seus cinzas, a aglomeração e o caos urbano. Suas roupas se propõem de algum modo a facilitar o encontro entre pessoas, e nos fazem lembrar que a rua é local de encontros. Essa “devoração” parece um desejo de se inserir na vida e ir na contramão de uma moda que se consolida a despeito do que acontece ao redor de si.

Não é possível, por exemplo, identificar algum estereótipo de brasilidade em seu design: as referências visuais estão embaralhadas, não há ícones indígenas, africanos ou de quaisquer matrizes étnicas brasileiras. Essa herança está sutilmente incorporada no processo criativo através de suas colagens que citam sua experiência de vida e sua condição cidadã, integrando simultaneamente a esfera pública e privada. Lika Stein é uma designer de Moda à espreita do que acontece nas ruas. Recolhe o que a cidade expele, seus restos, e os sobrepõe ao corpo, fazendo com que o corpo com eles entre em conversações. Os tons da cidade migram para a roupa, tingindo-a organicamente.

Ouvindo os últimos acontecimentos de ocupação das ruas, no Brasil e no mundo, atentos às ações dos Black Blocs, talvez possamos dizer que as roupas de Lika convergem para esse diálogo renovado com nossas heranças culturais e a paisagem atual. Há na produção de suas roupas, que sequer formam coleções

convencionais, um anseio de que nelas as cidades e seus fluxos sirvam de suporte de criação. A história banal, cotidiana, micropolítica, parece suplantar o ideal de nacionalidade e não pode ser representada com ícones das matrizes raciais e nem o que derivou delas. Então, iremos nos surpreender ao encontrar roupas a-nacionais, e isto pode causar estranheza, espanto e desapontamento. Mas o que afinal é uma moda brasileira e uma moda latino-americana? Como atender a esta expectativa de latinidade? Tanto estrangeiros quanto latino-americanos parecem ainda se identificar com um bloco aparentemente coeso mas que é frustrado pelas experiências vividas como nos exemplos apresentados neste artigo.

### **Considerações finais**

Apropriando-nos de uma ideia de Hermano Vianna (2012)<sup>5</sup>, e deslocando-a de seu contexto original, encerramos. De alguma forma ela projeta luz sobre modos de se pesquisar a produção de Moda no Brasil e na América Latina fora de uma lógica identitária:

“Posso ser ingênuo, ou otimista exagerado, mas continuo acreditando piamente que existe algo no Brasil que nos torna mais capazes de enfrentar o desafio da mistura. Houve e há aqui, por exemplo, o encontro entre duas tecnologias do êxtase: o xamanismo indígena (a alma viaja para o mundo dos espíritos) e a possessão africana (o espírito de manifesta neste mundo). A convivência íntima entre essas visões de mundo incompatíveis pode nos dar jogo de cintura metafísico (e criativo) realmente espantoso”.

É indiscutível o legado de uma civilização Ocidental, mas ele fragmentou-se aqui no embate com outras culturas para quem o modo dualista de pensar e criar não se encaixa muito bem, ou melhor, falha diante de nossa mímica imperfeita, que assimila e adultera. Esse, nosso modo plural de resistir/traduzir o Outro em nós.

### **Notas**

1. Usamos o termo entre parênteses para alertar sobre o fato apontado por Walter Mignolo (2005) de que negros e índios integram a América chamada Latina mas não são latinos. Sugerimos a leitura de um artigo do mesmo autor (2008) sobre novas reflexões acerca da ideia de América Latina, de descolonizar o conhecimento e sobre movimentos e pensamentos emancipatórios que aparecem no que ele denomina “sistema-mundo”.

2. Para o cientista político Edson Passetti – professor do Programa de Estudos Pós-Graduandos em Ciências Sociais da PUC-SP – os Black Blocs são uma atualização dos movimentos anarquistas do começo do século XX. Suas táticas anticapitalistas vêm se disseminando por várias capitais mundiais, no decorrer do século XX, alcançando os dias atuais. Em entrevista realizada por Bruno Pontes, "Prática aglutina gente em torno do insuportável". In: *O Povo online*. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/politica/2013/08/10/noticiasjornalpolitica,3108577/pratica-aglutina-gente-em-torno-do-insuportavel.shtml>. Acesso em: 08/01/2014.
3. Gustavo Goulart e Antônio Werneck. “PF investiga atuação de grupos anarquistas baseados no Rio. Relatório alerta para a possibilidade de ocorrerem protestos violentos no próximo mês”. In: *O Globo*, 11/10/2013. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/pf-investiga-atuacao-de-grupos-anarquistas-baseados-no-rio-10332014#ixzz2qDhdeTBH>. Acesso em: 11/11/2013.
4. Entrevista realizada por Silvia Regina com Amálio Pinheiro e publicada em 30/03/2010 na revista digital *Gostonomia*. Disponível em: <http://gostonomia.com.br/rev/2010/03/30/entrevista-amalio-pinheiro>. Acesso em: 18/10/2013.
5. Disponível em: <http://hermanovianna.wordpress.com/2012/07/28/alem-do-ocidente>. Acesso em 15 de Abril de 2013.

## Referências

- BERENSTEIN, Paola. Corpografias Urbanas – o corpo enquanto resistência. In: *Resistências e Espaços Opacos*. Salvador: Cadernos PPG – FAUUFBA, 1998.
- CAMILLO OSÓRIO, Luiz. *Eu Sou Apenas Um!* In: *Cadernos Vídeo Brasil – performance*. São Paulo, 2005.
- CARVALHO, Flávio. *A Moda e o Novo Homem*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2010.
- CERQUEIRA, Monique Borba. *Pobres, Resistência e Criação*. São Paulo: Editora Cortez, 2010.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano – 1. artes do fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- CESARINO, Pedro; REZENDE, Renato e COHN, Sergio (orgs.). “Tunga”. In: *Azougue – edição especial 2006-2008*. Rio de Janeiro, 2008.
- COELHO, Teixeira. *A Cultura e seu Contrário: cultura, arte e política pós 2001*. São Paulo: Editora Iluminuras/Itaú Cultural, 2008.
- CORRÊA LEITE, José; CARVALHO de, Mônica; SEABRA, Odette. *Território e Sociedade: entrevista com Milton Santos*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2a ed., 3o reimpressão, 2007.
- DELEUZE, Gilles. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- LIMA, Eduardo Rocha. *Três Esquizes Literários*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.
- MIGNOLO, Walter D. *Novas reflexões sobre a 'ideia da América Latina': a direita, a esquerda e a opção descolonial*. In: *Caderno CRH*, vol.21 no.53 Salvador maio/agosto, 2008.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792008000200004>. Acesso em 10/01/2014.

\_\_\_\_\_. The idea of Latin America. Oxford: Blackwell, 2005.

PELBART, Peter Pál. A Vertigem por um Fio – políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Editora Iluminuras/FAPESP, 2000.

PINHEIRO, Amálio. Notas sobre conhecimento e mestiçagem na América Latina. In: MESQUITA, C. E PRECIOSA, R. (orgs..) Moda em Ziguezague – interfaces e expansões. Barueri: Editora Estação das Letras e das Cores, p. 2011.

PRECIOSA, Rosane. Moda Brasileira, Lugar de Contaminações. In: 9º Colóquio de Moda, Fortaleza, 2013.

\_\_\_\_\_. Errância, Contaminações, Fluxos Esquizos. In: Revista Visualidades, Goiânia v.10 n.2 p. 57-73, jul-dez 2012 (publicado em 2013).

ROLNIK, Suely. Subjetividade Antropofágica/Anthropophagic Subjectivity. In: HERKENHOFF, P. E PEDROSA, A (eds.). Arte Contemporânea Brasileira: Um e/entre Outro/s, XXIVª Bienal Internacional de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, p. 128-147, 1998. (Português/English). Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Subiantropof.pdf>. Acesso em 15/09/2013.

SALOMÃO, Waly. Homage. In: OITICICA, H. Catalogue de la Galerie Nationale du Jeu de Paume, 1992.

SCHECHNER, Richard. A rua é o palco. In: LIGIÉRO, Z. (org.) Performance e antropologia de Richard Schechner. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, p.155-198, 2012.

VIANNA, Hermano. Além do Ocidente. In: Segundo Caderno do Globo de 27/07/2012. Disponível em: <http://hermanovianna.wordpress.com/2012/07/28/alem-do-ocidente>. Acesso em: 10/11/2013.

**Rita Morais de Andrade**  
[ritaandrade@hotmail.com](mailto:ritaandrade@hotmail.com)

Pesquisadora visitante do PACC/UFRJ com o projeto de pesquisa “Indumentária em Museus e Coleções no Brasil”. Dra. em História-PUC/SP. Profa. do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual-FAV/UFG. Investiga história e patrimonialização da indumentária (com ênfase no Brasil e América Latina) e sua inserção na cultura contemporânea.

**Rosane Preciosa Sequeira**  
[rosane\\_preciosa@yahoo.com.br](mailto:rosane_preciosa@yahoo.com.br)

Dra. em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Profa. do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens do Instituto de Artes e Design-UFJF. Investiga especialmente os diálogos entre Moda, Cultura e Arte e Modos de Subjetivação no Contemporâneo.